

## A ciência do Iraque volta a respirar

Um pequeno grupo de pesquisadores do Iraque reuniu-se com dirigentes da Real Sociedade em Londres, no final de novembro, para lançar as bases da nova Academia Iraquiana de Ciências (*Nature*, 4 de dezembro). Eles querem que a organização ajude a montar uma estratégia de

ciência e tecnologia vinculada à reconstrução do país. Embora vários dos participantes trabalhem no Iraque, a reunião aconteceu em Londres por razões de segurança. Coube ao engenheiro químico Hussain Al-Shahristani, que hoje vive no Reino Unido, a honra de abrir a reunião.

Ele ressaltou que a academia será independente das forças de ocupação, mas deixou claro que espera a ajuda ocidental para a formação do corpo acadêmico. A primeira reunião plenária foi marcada para novembro de 2004, em Bagdá. Ex-integrante da Comissão de Energia Nuclear

Iraquiana, Al-Shahristani foi preso e torturado nas masmorras de Saddam Hussein, depois de recusar-se a trabalhar em um programa de desenvolvimento de armas nucleares. Mas conseguiu fugir do país em 1991, após a derrota na Guerra do Golfo. Atualmente, leciona na Uni-

### ■ Vergonha no navio de pesquisa

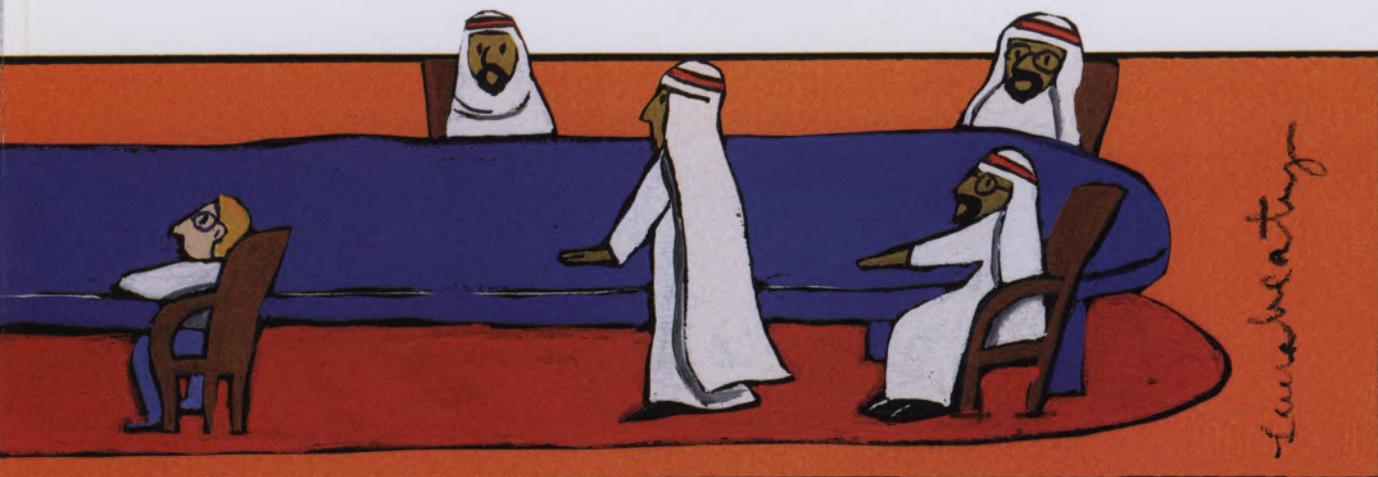
O *Joides Resolution*, um dos grandes navios científicos do mundo, não navega sob a bandeira de nenhuma das 20 nações que patrocinam suas expedições oceânicas. Está oficialmente baseado na Libéria, país da África Ocidental, acusado de usar as fortunas que arrecada vendendo registros navais para patrocinar o comércio de armas e alimentar conflitos regionais que usam crianças como soldados (*Nature*, 4 de dezembro). Com a base na Libéria, os donos de navios aproveitaram uma legislação menos exigente em relação à segurança e aos direitos trabalhistas. Como as denúncias

já levaram operadores a trocar a bandeira de suas embarcações, cresce na comunidade científica um movimento para forçar o *Resolution* a seguir esse caminho. As expedições científicas do navio são administradas pelas Instituições Oceanográficas Unidas (JOI, na sigla em inglês), um consórcio de 18 entidades

públicas patrocinadas pela Fundação Nacional de Ciências (NSF, em inglês), dos Estados Unidos. A JOI conhece os problemas envolvendo o registro do navio. Há dois anos, um ex-tripulante do *Resolution* escreveu uma carta a senadores americanos denunciando abusos na exploração da mão-de-obra do

navio, sob os auspícios da Libéria. Por meio de seu representante, Steven Bohlen, a JOI limitou-se a desqualificar o denunciante como um “descontente” demitido por incompetência. A NSF e o Congresso americano ficaram em silêncio. Novas pressões surgiram em dezembro, às vésperas da partida do *Resolution* para a próxima etapa do Programa Internacional de Perfuração Oceanográfica (IODP, em inglês) – o maior projeto internacional de sondagem oceânica atualmente em curso, que envolve um contrato de US\$ 625 milhões por dez anos com a NSF. Pesquisadores engajados na iniciativa mostraram-se incomodados com a vinculação do projeto com um país dis-





LAURABENTRIX

versidade de Surrey. Já existia uma Academia de Ciências patrocinada por Saddam, que se destacou por apoiar o desenvolvimento de armas químicas e biológicas. Daí a importância de uma questão ética levantada em Londres: seria aceitável admitir cientistas que participaram desses programas na nova academia? Al-Shahristani recomenda evitar julgamentos pre-

cipitados. “As pessoas eram forçadas a participar dos programas. Era quase uma questão de vida ou morte”, pondera. “Seria apropriado examinar caso a caso.” Quanto às preocupações científicas da instituição, Al-Shahristani sugeriu que se dê prioridade aos estudos ambientais, particularmente da poluição biológica, química e radiológica provocada pelos testes

com armamentos. O objetivo é descobrir se elas têm ligações com o aumento dos casos de câncer registrados no país. A confiança dos cientistas no futuro vai até certo ponto. Perguntados se retornariam ao país, vários cientistas exilados no Ocidente mostraram-se recalcitrantes. “Pessoas eram presas e mortas e a insegurança era geral no Iraque”, lembra Farhan

Bakir, físico que deixou o Iraque em 1981, depois de uma aposentadoria forçada. Bakir leciona na Universidade de Ciências da Saúde de Pomona, na Califórnia. “Estou com 70 anos e, nessa idade, aprende-se a ser prudente”, brinca. Mesmo após a prisão de Saddam, será difícil convencer os cientistas a voltar, enquanto persistirem os ataques terroristas no país. •

soluto. Steven Bohlen afirma que sua organização está ocupada demais cuidando da organização da expedição para preocupar-se com o assunto. Mas Guy Cantwell, porta-voz da Transocean, empresa especialista em perfurações oceânicas, com sede em Houston, no Texas, e coproprietária do *Resolution*, admitiu o constrangimento: “Estamos cientes da preocupação da comunidade científica.” Cantwell disse à revista *Nature* que a Transocean considera a possibilidade de mudar o registro do navio para um país que oferece benefícios semelhantes aos da Libéria, mas seja politicamente mais palatável, como as Ilhas Marshall, no Pacífico, por exemplo. •

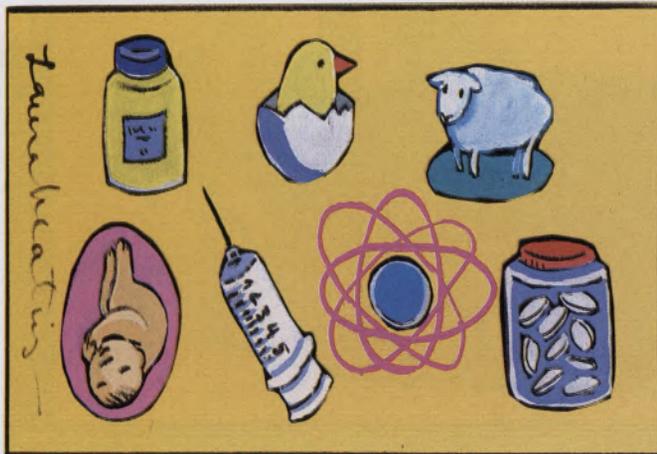
### ■ Polêmica adiada para 2004

A Assembleia Geral das Nações Unidas decidiu, no início de dezembro, adiar por um ano a votação da proposta que proibiria todas as formas de clonagem humana. Os 191 países-membros concordam que a clonagem reprodutiva, aquela em que se busca “copiar” geneticamente um ser humano, deve ser banida. Além de todas as controvérsias éticas envolvidas – com as promessas de reproduzir pessoas mortas feitas por médicos inescrupulosos e seitas –, também há um problema prático. A replicação de animais produziu clones doentes ou vítimas de envelhecimento precoce e

não há nenhuma garantia de que tais defeitos não surgiriam em cópias humanas. A proibição pura e simples da pesquisa, contudo, fecharia as portas para um ramo promissor da medicina. É a clonagem terapêutica, que envolve a obtenção de células de embriões humanos para cultivar tecidos com potencial para curar moléstias degenerativas. A proposta de proibição total, formulada pela Costa Rica, é apoiada pelos Estados Unidos e por mais 60 países. Outras 30 nações, como o Reino Unido, o Japão e a África do Sul, recusam-se a abrir mão das promessas da clonagem terapêutica. Sem acordo possível, a ONU empurrou o debate para o ano que vem. •

### ■ Bolsas de mestrado no Canadá

Estão abertas as inscrições para o Programa de Bolsas de Estudo da Agência Canadense para o Desenvolvimento Internacional (ACDI/CIDA) na área marítima. As bolsas para cursos de mestrado são oferecidas pela Dalhousie University, em Halifax. O programa de cooperação busca treinar brasileiros nas áreas de gerenciamento costeiro e recursos marítimos. Há mais informações no portal [www.dal.ca](http://www.dal.ca) e na página [www.cal.ca/~map](http://www.cal.ca/~map). Os candidatos interessados em receber apoio da ACDI/CIDA deverão obter formulário específico no endereço [www.acdica.gc.ca/forms.htm](http://www.acdica.gc.ca/forms.htm). •



Laurabeatriz

## ■ Desafios que salvam os pobres

Uma fundação ligada aos Institutos Nacionais de Saúde dos Estados Unidos (NIH, na sigla em inglês) selecionou 14 grandes desafios científicos e tecnológicos que gostaria de ver cumpridos nos próximos cinco anos. Entre esses desejos, todos na área de saúde pública, está o desenvolvimento de vacinas que combatam várias doenças numa única dose, possam ser armazenadas sem refrigeração e ministradas sem o uso de seringas. Também há desafios estabelecidos no controle de transmissão de doenças e na busca de drogas que não criem resistência no organismo. As idéias foram selecionadas por um comitê científico, com base em mais de mil sugestões enviadas por 75 países. Para estimular as pesquisas, a NIH vai conceder bolsas de até US\$ 20 milhões por cinco anos. Os interessados deverão apresentar à NIH carta com propostas de pesquisas até 9 de janeiro de 2004. Os projetos mais inovadores serão convidados a apresentar um plano formal. A Fundação Bill &

Melinda Gates, mantida pelo homem mais rico do mundo, o famoso dono da Microsoft, deu US\$ 200 milhões ao programa. •

## ■ Duelo a caminho da Lua

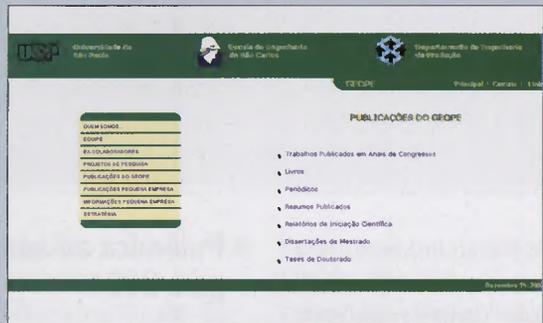
A China e a Índia disputam a primazia de enviar uma missão tripulada à Lua. A Índia promete chegar primeiro, antes de 2015, diz Rakesh Sharma, da Organização de Pesquisas Espaciais da Índia, que já participou de uma missão espacial da extinta União Soviética, em 1984. “Até 2020, chegaremos lá”, garante Luan Enjie, diretor da Agência Aeroespacial da China. A primeira tentativa chinesa só ocorrerá depois do sucesso de uma nova missão tripulada à órbita da Terra até 2007 e de uma sonda não tripulada à Lua até 2010. O programa espacial chinês ganhou notoriedade em outubro, quando o taconauta (adaptação da palavra chinesa para astronauta) Yang Liwei transformou-se no primeiro chinês a entrar em órbita. “Nosso objetivo é a exploração do espaço profundo”, diz Enjie. “A Lua é o primeiro alvo.” •

## Ciência na web

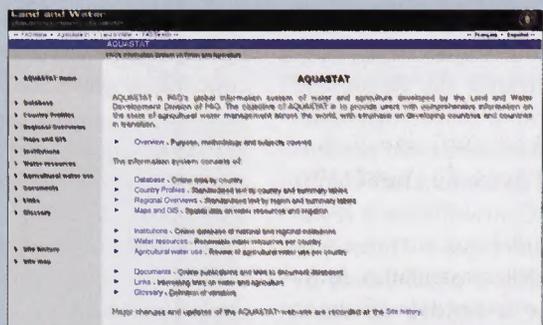
Envie sua sugestão de site científico para [cienweb@trieste.fapesp.br](mailto:cienweb@trieste.fapesp.br)



[www.asci.org/](http://www.asci.org/)  
Site que divulga o trabalho de artistas e cientistas que usam a C&T para explorar formas de expressão.



[www.prod.eesc.usp.br/producao/geope/](http://www.prod.eesc.usp.br/producao/geope/)  
Textos sobre aspectos organizacionais da pequena empresa, incluindo trabalhos para download.



[www.fao.org/waicent/faoinfo/agricult/agl/aglw/aquastat/main/index.stm](http://www.fao.org/waicent/faoinfo/agricult/agl/aglw/aquastat/main/index.stm)  
Informações da FAO sobre sistemas de uso e gerenciamento de água na agricultura.